

# ALGUMAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO INSTRUTOR DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM GADO BRAVO-PB

Ana Ester Siqueira Junqueira<sup>1</sup>

([sjanaester@gmail.com](mailto:sjanaester@gmail.com))

## RESUMO

Neste texto apresentaremos um recorte do trabalho monográfico intitulado O instrutor de Libras e seu papel na Educação de Surdos em Gado Bravo/PB tendo como foco de análise e discussão o trabalho desempenhado pelo instrutor Surdo voltado as representações sociais na educação. Respaladas na teoria da representação social e na educação de surdos (MAIA, 2010, SÊGA 2010, SKLIAR, 1999- 2005; DORZIAT, 2009; STROBEL, 2007-2008), colocamos como objetivo geral investigar a representação educacional e social do instrutor Surdo para a EMSGB e específicos: identificar os papéis representativos deste a partir do olhar dos professores ouvintes e diretor. A pesquisa foi embasada na abordagem qualitativa (MINAYO, 1994). Participaram do estudo: a instrutora Surda, as professoras e a diretora. Os dados mostraram que a instrutora Surda constituiu-se num modelo positivo de identidade e de representações sociais, desempenhando papel fundamental na disseminação da Libras ao povo Surdo, e de articuladora para o desenvolvimento de uma nova representação sócio-educacional dos estudantes Surdos de Gado Bravo.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social- Instrutor Surdo - Libras

### 1. Introdução

Neste artigo apresentaremos um recorte do trabalho monográfico intitulado *O instrutor de Libras e seu papel na Educação de Surdos em Gado Bravo/PB* realizado no XXI Curso de Especialização em Educação Básica pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tendo como foco de análise e discussão o estudo da teoria das representações sociais voltado ao instrutor Surdo.

No período de participação em um projeto de extensão pesquisa como bolsista, em salas de aula da Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo (EMSGB), observando a prática do instrutor e sua relação com os alunos Surdos<sup>2</sup>, notávamos o quão importante era

a presença do instrutor Surdo de Libras para a aprendizagem dos alunos. Ao mesmo tempo em que ensinava a língua de sinais, tornava-se um mediador dos conhecimentos em Libras, um modelo identitário para os Surdos dessa comunidade. Enfim, que representações sociais esse sujeito retratava no seu fazer em sala de aula?

Delimitamos para o presente estudo o objetivo geral: investigar a representação educacional e social do instrutor Surdo para a EMSGB. E, como objetivo específico: identificar os papéis representativos deste a partir do olhar dos professores ouvintes e diretor;

## **2. Reflexões teóricas**

A história da educação dos Surdos revela que o direito da pessoa Surda de ser instruída em sua língua natural, a Língua de Sinais (LS), para posteriormente acessar a língua usada pela sociedade majoritária, no nosso caso, a Língua Portuguesa foi ignorada e negada. De fato, no decorrer do último século XX, negou-se essa condição bilíngue aos Surdos, pois estes eram vistos como portadores de uma deficiência, que precisa ser tratada clinicamente para que seus efeitos fossem minimizados. A partir da década de 1980, que surge a proposta de educação bilíngue. Este é uma filosofia educacional que propõe um novo olhar sobre a surdez, tendo como lastro o resgate da língua de sinais, como primeira língua das pessoas Surdas. Apresenta a ideia de que o Surdo deve aprendê-la o mais cedo possível, de modo a oportunizar o desenvolvimento dos processos cognitivos e de linguagem.

Acreditamos que o reconhecimento da língua de sinais (língua natural) própria dos Surdos representou uma grande conquista e avanço para o sistema educacional brasileiro, pois foi reconhecida como primeira língua (L1) a ser adquirida pelo Surdo, possuindo um valor imenso que através desta propicia a comunicação, a troca de conhecimento, a reflexão, a criticidade e o posicionamento no contato e na interação com todos os indivíduos usuários da Libras (Língua Brasileira de Sinais). E, em segundo plano, o Surdo aprende a língua portuguesa escrita (L2), já que está inserido numa sociedade ouvinte em que a fala predomina e, por isso, ele necessita de se comunicar e interagir com as pessoas ouvintes Skliar (1999).

No passado, os Surdos eram silenciados pela representação social através de vários estereótipos pejorativos, como foi visto acima. Porém, buscamos combater essas atitudes depreciativas que afastam o contato com, construindo a cada dia o respeito pela cultura surda através das suas representações sociais, cultura e identidade surda.

A Educação dos Surdos traz várias representações sociais que precisam ser refletidas neste contexto. No Brasil, ao final dos anos 80 surgiu o conceito de representações sociais nas revistas especializadas e simpósios internacionais, tendo como estudioso Émile Durkheim e outros seguidores, entre eles Serge Moscovici que a

partir de 1961, buscou através de observações e estudos analisar os complexos individuais e coletivos ou psicológicos e sociais.

As representações sociais surgem como uma forma de pensar e repensar a realidade diária, “uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem” (SEGA, 2000, p. 128).

De um modo geral, as representações sociais são constituídas historicamente e sendo idealizada na sociedade ouvinte, num mundo imaginário ou real. Neste sentido,

A força das representações se dá não pelo seu valor de verdade, ou seja, o da correspondência dos discursos e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos evocadores e miméticos. Tal pressuposto implica eliminar do campo de análise a tradicional clivagem entre real e não-real, uma vez que a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. (STROBEL, 2007, *apud*, PESAVENTO, 2005, p.41).

Sobre isto, Reis descreve quatro aspectos essenciais no ato da representação:

- 1) a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto e de alguém (sujeito);
- 2) a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-lhe significações);
- 3) a representação será apresentada como uma forma de saber: de modelização do objeto diretamente legível em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais – ela é uma forma de conhecimento;
- 4) qualificar esse saber de prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro. (REIS, 2011, p. 151 *apud* JODELET, 2001, p. 27).

Temos diversas representações sociais no decorrer da história da Educação de Surdos, baseadas sobre o ponto de vista de diversos discursos ouvintes, tais como: o mudo, o anormal, o deficiente, o doente dentre outros. Provavelmente, representações essas perpetuaram a forma da sociedade ouvinte lidar com esses sujeitos, e ainda hoje, procura uma forma de normatizá-los.

A comunidade Surda é representada pelo seu mundo visual-espacial e portanto precisa que suas representações específicas sejam respeitadas na sociedade ouvinte, que em geral nada conhece sobre os Surdos e tem a tendência de igualar as mesmas representações sociais das pessoas Surdas com os ouvintes.

A representação está atrelada as peculiaridades de cada sujeito como afirma SILVA:

(...) a representação concentra-se em sua expressão material como ‘significante’: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. (...) as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação. (SILVA, 2000-a, p. 97 apud STROBEL, 2007).

### **3. Aspectos metodológicos**

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa. De acordo com Bogdan & Biklen (1994) a investigação qualitativa possui cinco características, são elas: 1) de caráter ambiental, ou seja, através do ambiente que o investigador coletará os dados de sua pesquisa; 2) de descrição, pois o registro dos elementos é constituído na escrita de palavras e não de números; 3) de processamento, na qual o investigador privilegia mais o processo do que o resultado ou produto; 4) de indução, na qual são analisadas as informações sem objetivo de confirmar ou refutar hipóteses pré-estabelecidas; e 5) de significação porque é considerado o significado dado pelos sujeitos participantes sobre suas vivências e suas experiências sociais adquiridas ao longo de suas vidas.

O município de Gado Bravo, antes da fundação da EMSGB apresentava um alto grau de pessoas Surdas, na qual encontravam-se em escolas regulares, apresentando baixo rendimento ou nem frequentavam nenhum tipo de educação formal. Deste modo, fez-se necessário a elaboração de um projeto de extensão que possibilitasse a parceria entre a Secretaria de Educação de Gado Bravo e a UFPB. O projeto intitulado: “Assessoria pedagógica para implantação da Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo” foi iniciado em 2001, contando com a orientação de professoras do Departamento de Educação, e participação de alunos extensionistas do curso de pedagogia, todos da Universidade já mencionadas (GIANINI, et al, 2001).

Assim, no mês de Abril de 2001, a EMSGB foi inaugurada. Contou, na época, com 43 alunos matriculados, seis professoras, instrutora surda de Libras, diretora, vice-diretora, secretária, merendeira e auxiliar de serviços gerais. No ano seguinte (2002), a frequência de alunos aumentou, fato este que significou uma boa aceitação da Escola pela comunidade do município e até dos municípios vizinhos, como Aroeiras e Queimadas.

Os alunos apresentavam uma faixa etária de 03 a 45 anos e, em sua grande maioria, moravam em sítios localizados na zona rural do município, necessitando de transporte para deslocar-se à Escola. Por este motivo, e pela inexistência (até então) de uma escola para Surdos, a comunidade surda de Gado Bravo encontrava-se isolada, sem contato com a língua de sinais e, em grande parte, sem frequentar a escola.

Dessa forma, a pesquisa constou de 4 participantes<sup>3</sup>: (1) instrutora surda de Libras, (2) professoras e (1) diretora. Os critérios estabelecidos para escolha dos participantes foram: surda pioneira no ensino da Libras<sup>4</sup> (instrutora) em que trabalhou durante oito (8) anos nessa função; maior tempo de serviço na instituição e maior domínio da Libras (professoras ouvintes); e no que diz respeito a escolha da diretora, o critério estabelecido foi o maior tempo de serviço nessa função.

Para obtenção dos dados, desenvolvemos um roteiro de entrevista semi-estruturada para ser aplicada com os sujeitos participantes. Para os ouvintes, foram gravadas as entrevistas e para a instrutora e alunos surdos foram filmadas, tendo a colaboração de uma intérprete de Libras. Após a realização dessas entrevistas, foram realizadas as transcrições e a identificação dos dados nas mesmas.

Além das entrevistas, utilizamos os documentos referentes aos relatórios dos projetos de extensão do PROBEX. Esses relatórios representaram fonte rica de dados, pois continham informações sobre a implementação da EMSGB e do trabalho de assessoria pedagógica das professoras da Habilitação em Educação dos Deficientes da Audiocomunicação (EDAC) da Unidade Acadêmica de Educação (UAEd/UFCG) de formação continuada para professores da EMSGB, no período de 2000-2009. Além do mais, esses documentos registravam informações a respeito da inserção de uma Surda como instrutora de Libras na Escola, a disseminação da Libras e a construção da identidade dos sujeitos Surdos que faziam parte dessa comunidade escolar. Enfim, revelam os avanços e dificuldades em implementar e consolidar um trabalho de assessoria à uma escola específica para as pessoas Surdas em Gado Bravo.

#### **4. Discussão dos resultados**

##### **Trabalho/atuação da instrutora**

Com relação a essa questão, uma das professoras trouxe à tona a contribuição da instrutora para o ensino dos conteúdos das áreas do conhecimento curriculares através da LS, além da criação de sinais específicos para palavras próprias da localidade. Vejamos sua fala:

**Paula-** dava aula nas turmas, inclusive na minha (...) eu ia lá recorria a ela e assim, não só na questão dos sinais, mas assim, pra perguntar a ela: J. como fica melhor, como fica mais fácil para o surdo compreender tal assunto? Como é que eu digo tal coisa? Aí assim, tanto ela dava aula como ajudava muita gente nesse sentido.

Percebe-se na fala da diretora da escola uma série de informações sobre o trabalho da instrutora. Sua contribuição vai desde o ensino da Libras para os professores no curso de capacitação inicial, antes da implementação da EMSGB, até sua participação nas atividades escolares e o acompanhamento sistemático no desenvolvimento da sinalização para os alunos. Além do mais, ensinou LS aos pais e aos profissionais da área de saúde como podemos ver no seu depoimento:

**Sônia-** (...) a gente pode perceber isso pelo desenvolvimento da língua, assim dos alunos, desenvolvimento das professoras também, e quando elas receberam os alunos, elas não sentiram a dificuldade como outras pessoas quando chegam na escola de Surdos, porque lá todos passaram por essa capacitação com ela, (...). Ela no caso tinha momentos que ela como professora, ela perpassava por todas as salas, também tinha momentos para os professores e funcionários, tinha o momento dos pais também, de curso com os pais, (...), também teve com as agentes de saúde, os profissionais de saúde, (...) ela desenvolvia esse trabalho.

Ao ser indagada sobre o seu trabalho e atuação na EMSGB a instrutora disse:

**Janaina-** ensinou de 1ª à 4ª série. A disciplina Libras. (...) começava na sala de 1 e meia, no primeiro ano, aí trocava tinha o intervalo, trocava, aí tinha a tarde e de 5 horas terminava. E tinha outra sala que começava. Começava no primeiro ano, segundo ano. Aí, no outro dia, o terceiro e quarto, e no outro dia o motorista, pessoal da saúde sempre com o horário diferente.

No relato da professora, observamos que ela recorria sempre que tinham dúvidas ou não sabiam o sinal relacionado a um conteúdo específico em LS, a instrutora de Libras. Neste sentido, Silva (2007, p. 76) afirma que:

é possível perceber uma sinalização de que os professores ouvintes parecem não ter a desejada proficiência na língua de sinais e que isso, possivelmente, provoca atrasos na aprendizagem dos alunos surdos. Sendo assim, parece haver entendimento de que para que os surdos possam desenvolver, crescer e saber a língua de sinais o instrutor precisa estar à frente do processo educacional.

Além do domínio da Libras, notamos que a instrutora Surda carrega suas representações sociais e isso, torna-se um

referencial teórico metodológico precioso para compreender o trabalho docente, uma vez que conceitos, políticas, diretrizes e normas afetos a estes e a outros objetos do campo da Educação são interpretados e ressignificados pelos profissionais da área. (MAIA, 2010, p.3).

Portanto, adquirimos diversas representações cotidianas e ao mesmo tempo aplicamos e construímos esses saberes na construção das experiências vivenciadas, através de nossas aprendizagens em situações diversas (MAIA, 2010).

No que diz respeito à fala da diretora, esta por sua vez, observou o bom desenvolvimento dos alunos e das professoras em Língua de Sinais e também relatou que a Surda oferecia cursos de Libras para professores e funcionários, familiares e profissionais da saúde. E por último, a instrutora relata que ministrava a disciplina de Libras na EMSGB.

Deste modo, vemos nas falas, mais uma vez, a disseminação da LS através do ensino dessa língua na EMSGB e também em cursos para ouvintes ministrados pela instrutora. A aceitação da LS nos diferentes espaços sociais, segundo Dorziat (2009, p. 23), “representou um avanço considerável quanto aos objetivos das pessoas surdas de terem melhores oportunidades de participação social”.

Sabemos que essa contextualização no ensino e a presença da instrutora Surda de Libras é necessária, já que este é o proficiente da própria língua e o mais qualificado para o ensino dela. Portanto, acreditamos que ela traz consigo suas representações históricas e singularidades e atribui significado nos diversos grupos sociais, em especial, a EMSGB e outros segmentos (MAIA, 2010 *apud* MADEIRA, 1998).

Para Jodelet as representações sociais são: “uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (MAIA, 2010 *apud* JODELET, 2001, p. 17).

Dessa forma, vemos que a instrutora não apenas levou a LS para a cidade de Gado Bravo, mas como já dissemos anteriormente, constituiu uma comunidade Surda na EMSGB. Portanto, a atuação da Surda nesta escola foi relevante, pois proporcionou a representação educacional e social dos Surdos de Gado Bravo.

Vale salientar, que a instrutora também exerceu um papel essencial na disseminação e divulgação da língua de sinais no município, através de cursos ministrados por ela para agentes de saúde e funcionários públicos, num horário reservado para isto, de forma a contribuir para a participação social do Surdo na comunidade ouvinte.

Sendo assim, as representações sociais adquiridas pela Surda, como aluna e instrutora na EDAC e na comunidade Surda de Campina Grande, contribuíram significativamente para o processo educacional da EMSGB e para a inclusão dessas pessoas na sociedade gadobravence.

Assim, notamos que a representação social se dá através da posição que o sujeito ocupa na sociedade. Como afirma (SEGA, 2000, p. 129): “(...). Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas”.

## **5. Considerações Finais**

Verificamos, ao analisarmos os dados colhidos na pesquisa, que a presença da instrutora Surda de Libras na EMSGB, por ser uma pessoa adulta, proficiente em língua de sinais, ter experiência profissional no ensino dessa língua e participante da comunidade Surda de Campina Grande/PB, constituiu-se num modelo positivo de identidade, desempenhando papel fundamental na disseminação da Libras e de aspectos culturais do povo Surdo, e de articuladora para o desenvolvimento de uma nova representação sócio-educacional dos estudantes Surdos (crianças e adultos) de Gado Bravo.

Com efeito, os depoimentos dos participantes e relatórios dos projetos de extensão, evidenciaram o pioneirismo do trabalho da instrutora, reconheceram sua contribuição no aprendizado da Libras (como primeira língua-L1). Isso mostra que o bilinguismo-bicultural, proposta educacional adotada na EMSGB, precisa cada vez mais ser reafirmada em seus princípios de compromisso com o Surdo como sujeito possuidor de uma língua e cultura própria, em uma realidade educacional específica que respeite as suas singularidades e potencialidades.

Esperamos que este estudo contribua para uma maior reflexão da atuação e do papel estabelecido do instrutor Surdo através das representações sociais estabelecidas na EMSGB. Enfim, que suscite discussões e novas pesquisas na área educacional frente os desafios e possibilidades de diversas outras representações na formação do instrutor Surdo para os alunos Surdos e os ouvintes da comunidade local.

## **6. Referências**

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia, Telmo Mourinho Batista. Porto PT: Porto Editora, 1994, p. 47-51; 63-74.

\_\_\_\_\_. **O outro da educação**: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIANINI, Eleny; et al. **Assessoria Pedagógica para a implantação da Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo**. Documento da EMSGB: UFCG, 2001.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

MAIA, H. et al. **Representações sociais de trabalho docente: significados atribuídos à dedicação por professores das séries iniciais e seus formadores**. Anais VII, p. 1-17, 2010.

REIS, S. L. de A. et al. **Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental**. Maringá, n. 2, p. 149-159, 2011.

SILVA, Rosalva Dias da. **Formação de instrutores: uma experiência que prepara para a docência**. Dissertação de Mestrado em Linguagem e Ensino – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2007.

SEGA, R. A. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90. Porto Alegre, n. 13, p. 129-133, jul. 2000.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STROBEL, K. L. **História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas**. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. Estudos Surdos II. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007, p. 18-37.

## Notas de rodapé

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Especialista em Práticas e Processos Educativos (UFCG). Mestranda em Ciências da Educação pelo Instituto BioEducação - Facnorte

<sup>2</sup> O “S” maiúsculo será usado para nomear uma comunidade marcada linguisticamente e culturalmente, por suas singularidades, para além do fator biológico (GOLDFELD, 1997).

<sup>3</sup> Estaremos, ao longo de todo o texto, nos referindo aos sujeitos da pesquisa no gênero feminino, já que os sujeitos da pesquisa são todas mulheres.

<sup>4</sup> Libras (Língua Brasileira de Sinais). Além deste termo, ao longo do texto utilizaremos a sigla LS e L1 que se referem a Língua de Sinais para os Surdos.